

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 276

## Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 12500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

## Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

## O GENERAL ANDRÉ

Cahiú o ministro da guerra da republica franceza. E quem escreve estas linhas, que lhe seguiu os passos dia a dia, desde a primeira hora em que, n'uma circumstancia gravissima, foi chamado ao poder, saudado n'elle, vivamente, o soldado que mais sinceramente, mais energicamente, mais corajosamente, defendeu em França, de 1870 para cá, o regimen republicano.

Sim. Nós o saudamos. Com todo o calor, com todo o fervor das nossas entusiasticas, e vividas, convicções democraticas.

O general André não era um orador, não era um escriptor, não era um espirito brilhante. Não era mesmo um reformador. Mas teve a qualidade suprema, empolgante, dominante, que escurece todas as outras. A qualidade que verdadeiramente eleva. A qualidade que verdadeiramente distingue, por isso mesmo que é rara. Onde todos os outros tiveram medo, elle não o teve. Onde todos recuaram, elle não recuou. Quando todos se curvavam ao preconceito, a um sentimento de torpe camaradagem, a um espirito repugnante de casta, solidarios na infamia, elle ergueu a sua cabeça, arrostando todas as coleras, todas as intrigas, todas as calumnias, e ergueu-a, nobre e altivo, para afirmar a verdade, a liberdade e a justiça.

Oh, não ha qualidade mais levantada, mais moralisadora, mais educativa!

As traficancias d'esse exercito monarchico, clerical, amante do throno e do altar, detestando profundamente as idéas democraticas, os actos de intolerancia, as injustiças, os nepotismos, as arbitrariedades revoltantes, mal se descrevem. O governador militar de Paris vencia ainda, como no tempo do imperio, 12 cavallos. O ministro da guerra, 10. O governador militar de Lyon, 10. Cada general de divisão, 6. E assim por diante. Ao todo **1411 cavallos inúteis**, com 1411 impedidos para os tratarem, cavallos que não se montavam, em todo o exercito francez. Ou sejam os cavallos sufficientes para se organisarem dois regimentos inteiros de cavallaria!

Os officiaes que excediam os quadros eram em numero de 455, pagos abusivamente com trezentos contos de réis, (1.500.000 francos) que sahiam da verba destinada á mobilia e arranjos dos quartos dos sargentos readmittidos, ficando estes privados das commodidades que a lei lhes concedia.

Um primeiro sargento levou á assignatura do tenente, que respondia pela companhia na ausencia do capitão, um documento falsificado. O tenente, tendo reconhecido essa falsificação, deu parte ao major commandante do batalhão. Era um batalhão destacado. O regimento tinha a sua séde em Rouen. O batalhão estava em Dieppe. O major, chamado Myszkowski, mandou proceder a uma averiguação. E tendo esta comprovado a falsificação, o major enviou o processo ao coronel do regimento. Resposta d'este: «Reconsidere. Não quero essa mancha sobre o regimento.» Ora o major não podia reconsiderar sem se tornar cúmplice d'uma patifaria. E como não *podesse* reconsiderar, foi castigado com *oito dias de prisão*, e a informação annual foi de tal ordem

que o desgraçado foi preterido na sua promoção. Quanto ao tenente, foi castigado com trinta dias de prisão n'uma praça de guerra como *caluniador!*

O major Hartmann, só porque depoz a verdade no conselho de guerra de Rennes, viu-se completamente impossibilitado de continuar no estabelecimento militar onde fazia serviço.

O general commandante da escola d'applicação de Fontainebleau recusou-se a receber um capitão por elle ser judeu!

Os officiaes instructores da escola de Saint-Cyr prégavam descaradamente aos alumnos idéas anti-republicanas.

Todos os officiaes que não fossem catholicos, ou que não se casassem catholicamente, eram vilmente perseguidos. Todos os que eram republicanos occultavam cuidadosamente as suas opiniões, senão tinham a sua carreira perdida.

A este estado, que era geral—repetiam-se ás centenas os factos que ficam indicados—deixaram chegar o exercito republicano, em plena republica, todos os *litteratos* republicanos. Essas infamias consentiram, e d'ellas se fizeram cúmplices ignobeis, aquelles que, como Cavagnac, se diziam republicanos desde o berço.

Quem lhes poz termo? Quem foi o homem que dobrou, com mão de ferro, o poder militar deante do poder civil? Quem reconduziu o exercito francez ao respeito da liberdade e á obediencia da lei?

Foi um general, foi um soldado, foi um homem d'essa classe que os demagogos imbecis todos os dias, sem criterio, insultam e apedrejam.

Curvemo-nos deante d'elle, que foi talvez o salvador da democracia na Europa.

O general André commettem erros. Não ha duvida. Mas nem um só dos seus inimigos deixa de reconhecer, e de proclamar, que, no meio dos seus erros, só um fim o preocupou, só um objecto teve em vista: defender a republica, subordinar o exercito ao poder civil. Nem um só dos seus inimigos deixa de confessar a energia inabalavel com que elle proseguiu o seu intento. E não se diga, como imbecilmente, ou de má fé, dizia o *Diario de Noticias*, imbecilmente em todo o caso, que o general André queria restabelecer a *epoca do terror*, não dando quartel aos seus adversarios politicos. Para destruir esta falsidade bastará dizer-se que o ex-ministro da guerra teve em Mans, quando commandando uma divisão, um chefe d'estado maior e um ajudante de ordens catholicos ferventes, tendo sido ambos educados em estabelecimentos jesuiticos. Bastará acrescentar-se que na sessão de 26 de dezembro de 1900 elle se negava, abertamente, a perseguir os capellães militares. E' uma affirmação gratuita, que nada autorisa, essa do *Diario de Noticias*.

O correspondente francez da *Revue Militaire Suisse* muitas vezes censurou o general André. No entanto, quando o accusaram de sectarismo, aquelle correspondente não hesitou em escrever:

«O ministro não se mostrou sectario, diga-se o que se disser. Apenas destruiu a obra dos sectarios.»

«O partido clerical, escrevia ainda o mesmo correspondente, não descança em attrahir o exercito. Já possui a confiança de numerosos

chefes e póde contar com o seu concurso. A prova está no discurso do general Geslin de Bourgogne, pronunciado em março ultimo n'uma casa religiosa de Vannes. Desde que estas excitações ao odio e estes apellos ás paixões d'outros tempos se tornam publicos, o governo não os póde tolerar. O general foi destituido do commando e todo o partido republicano approvou, mesmo os menos ministeriaes.»

Um anno mais tarde, o mesmo correspondente, que declarava dever ao general André a *amargura das maiores tristezas que tinha soffrido na sua vida*, escrevia ainda:

«A crise recente abriu-lhe os olhos (ao ministro) sobre o perigo de deixar as idéas anti-democraticas instalar-se no espirito dos officiaes francezes, os quaes, pelo seu modo especial de recrutamento, a sua educação, os seus preconceitos, se afastam insensivelmente do liberalismo. Se a questão Dreyfus tem surgido 5 annos mais tarde, seria talvez impossivel trazer o exercito á obediencia da Republica. Quanto mais se ia, mais esse exercito se separava da nação. Bastava que um official se mostrasse partidario da seita jesuitica para que tivesse a sua carreira assegurada, por mais insignificante que fosse o seu valor. Bastava que deixasse conhecer as suas opiniões francamente conformes com as aspirações do paiz, isto é, claramente republicanas, para que estivesse perdido, por maior valor que possuísse.»

O general André, pois, *não queria fazer de todos os seus subordinados republicanos*, como escreve o *Diario de Noticias*. O que elle não queria era favorecer os inimigos do regimen democratico contra os officiaes que possuíam idéas republicanas.

Cahiú deante dos perigos d'um pronunciamento? Não. Cahiú deante das intrigas dos correligionarios, habilmente exploradas pelos reaccionarios. E isto é que é triste.

O general Faure Bignet, governador militar de Paris, tendo conhecimento de que um soldado, alumno do conservatorio, não fazia serviço algum no regimento, e de que todas as noites ia tocar a um theatro, transferiu-o para Versailles. O ministerio da guerra transferiu o soldado novamente para Paris. O general calou-se. Mas tendo o regimento uma parte destacada na provincia, para aqui enviou o soldado. Nova comunicação do ministerio da guerra, determinando que o soldado ficasse fazendo parte da fracção que estava em Paris. Aqui o general Bignet foi aos ares, e procurou o general André pedindo-lhe explicações. O ministro, espantado, de nada sabia. Mas, averiguando, reconheceu que a proesa era obra do seu ajudante de campo, o capitão Humbert. Immediatamente poz fóra do ministerio da guerra este official, transferindo-o para um regimento da provincia. Mas Humbert, para não partir, pediu a demissão. Dias depois foi nomeado preceptor em Vincennes. Então, o ministro, vendo n'isto uma pouca vergonha, poz o dilemma: ou a sua demissão ou a demissão do outro. Combes preferiu annullar a nomeação para Vincennes do ex-capitão Humbert. Este sujeito, porém, era altamente protegido pelo director do *Matin*, pelo ministro da marinha e pelo chefe do gabinete do ministro da guerra. D'aqui a

campanha do *Matin*, e intrigas de toda a ordem.

Coincidiu com este facto, para mais, a absolvição, por falta de provas, do tenente coronel Rollin, e dos capitães François e Mareschal, ainda implicados na grande infamia Dreyfus. O ministro talvez fosse pouco habil em proceder contra estes homens, sem estar bem seguro das provas. Mas é quasi certo que a accusação tinha fundamento.

Mais, ainda.

Na escola de Saint-Cyr um rapaz, republicano, respondeu aos canticos religiosos d'outros rapazes, clericais, cantando a *Internacional*. Accusado o rapaz de soltar gritos sediciosos, o ministro, tendo ordenado a um general que procedesse a um inquerito, deixou o rapaz impune, em harmonia com a opinião do general. O *Matin*, e toda a papellada jesuitica, gritaram: *horror á maçonaria!*

Não era tudo.

O general Pelloux, commandante do 2.º corpo de exercito, em Nantes, abertamente republicano, porque a energia do general André fizera com que os officiaes republicanos não precisassem já de esconder as suas opiniões, recommendou energicamente, a todos os seus subordinados, obediencia á republica.

Nova gritaria contra o general e contra a maçonaria!

O coronel Sarrail, porque não consentiu, sendo commandante da Escola de Saint Maixent, que o jesuismo continuasse lá dominando, como até ahí tinha dominado, é accusado de delator e agente da maçonaria.

Tudo isto é explorado pelo *Matin* e pelos periodicos reaccionarios. E os republicanos, sempre promptos a dar ouvidos a calumnias e intrigas de toda a ordem, deitam abaixo, por defender a Republica, o homem sem o qual a republica teria corrido os maiores perigos!

Este é o facto. O homem que acabou com os abusos e infamias, introduzidas no exercito pelas santas creaturas que defendem o throno e o altar, o homem que tornou impotentes os generaes que ameaçavam as instituições, que os castigou, e os destituiu do commando sem recio nenhum, o homem que submetteu, nobremente, o poder militar ao poder civil, cahiú deante da *colera* dos republicanos! Triste coisa.

O general André seria pouco diplomata. Pouco habil em *certas crises*. Era-o, evidentemente. Mas nunca mais a republica encontrará soldado mais intrepido para a defender.

E' essa intrepidez, junta a uma grande honestidade e a uma forte convicção, que fazem do ex-ministro da guerra uma individualidade de destaque, impondo-o ás sympathias de quantos sinceramente defendem a liberdade no mundo.

Outra vez o saudamos.

### SAL

Subiu o preço do sal n'esta cidade. O wagon vendia-se até aqui por 22:000 réis e hoje, o mais barato, não se tira menos de 24:000 réis, com tendencia para alta.

A subida do preço é attribuida á grande exportação que elle tem tido.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Comprea **A OSMOND**

## A instrucção do soldado

Sob o titulo que nos serve de epigraphe, publicou o nosso collega as *Novidades* a carta que se segue:

Sr. Redactor.

Terminou hoje o praso da lei para a incorporação dos recrutas. Portanto, deixei-me v. participar-lhe, já que as *Novidades* teem registado até agora todos os meus trabalhos de ensino integral por companhia, que começo amanhã a ministrar o 1.º curso da Escola Regimental, na fórma do costume, aos novos recrutas.

E, já agora, deixe-me participar-lhe tambem que sou director da Escola Regimental desde 15 de setembro, e que matriculando hoje, n'essa qualidade, os recrutas das outras companhias, alistados de 8 a 12 do corrente, tive occasião de descobrir o milagre segundo o qual—no dizer do honrado capellão da *Revista de Infanteria*, cujo artigo provocou as duas ultimas cartas que v. se dignou publicar—o professor do 1.º curso «sem grande esforço, sem apregoar o seu merito nem o seu trabalho, tendo como auxiliar um cabo apenas, que, fazendo serviço interno, como manda o regulamento, raras vezes apparece na escola» habilita cabos ás dezenas.

Fazendo o professor do 1.º curso tanta coisa, auxiliado apenas por um cabo que raras vezes apparece na aula, e não fazendo eu nem metade, auxiliado por um tenente, um 1.º sargento e dois segundos, que *nunca faltam*, julguei haver no caso inspiração do Sagrado Espirito Santo ou milagre da Senhora de Lourdes. Pois não ha. Restitua-se o credito ao Divino. O que ha é isto, simplesmente: os homens já sabem ler, escrever e contar, quando se matriculam.

Quer dizer: as escolas regimentaes servem de tão pouco que bem se póde dizer que não servem para nada.

Este é o facto culminante, e grave, que hoje me leva a escrever-lhe. Mais batalhão, menos batalhão, mais maior menos maior, farda mais ou menos doirada, não importa grande coisa. Mas importa muitissimo, na febre de cultura que invadiu o mundo civilisado, a bruta profunda do nosso soldado. Deem ao nosso exercito todas as condições materiaes de um bom exercito. Se mantiverem, pesando sobre elle, a centralisação que o esmagava, se não tornarem autonoma a companhia, pelo menos, se não intruduzirem nos quadros um largo espirito de iniciativa com um rigoroso principio de responsabilidade, se não acabarem com habitos viciosos, com processos damninhos, e se não o instruirem, desde o mais humilde posto—é esta a grande reforma, a reforma urgente, a reforma inadiavel—é um exercito vencido, deante de outro com melhor educação, de nivel intellectual mais elevado.

A maior força das sociedades modernas não são os braços. É a intelligencia. Mesmo no campo da batalha, onde as condições physicas, aliás, constituem um elemento de primeira ordem.

Pelo Regulamento geral das escolas para praças de pret, de 1896, a escola regimental era destinada aos que sabiam pouco e aos que não sabiam nada. Hoje, é destinada apenas aos que n'um curto praso possam fazer exame do 1.º curso.

Diz, textualmente, a circular de 31 de outubro de 1900, «que a matricula no 1.º curso seja voluntaria para os recrutas analfabetos e só obrigatoria para os mancebos que possuam algumas noções de leitura, e que haja probabilidade de que durante o periodo de instrucção de recruta adquiram os conhecimentos necessarios para poderem ascender a 1.º cabos.»

Isto, praticamente, se não foi fechar a porta, completamente, a todo o ensino, foi fechar-a ao ensino mais util, pelo menos. As palavras *matricula voluntaria para analfabetos e obrigado para os que possuam algumas noções de leitura* só se mantiveram na circular para, evidentemente, salvar o decore.

De facto, quaes foram os motivos d'essa circular? Foi a falta de pessoal para ensinar individuos com conhecimentos muito desiguais, e a falta de casas, para aula, com capacidade sufficiente para os comportarem. Então, de que valia a *matricula voluntaria*? Ninguém se matricula voluntariamente. Já se contava com isso. Mas, se se matriculasse, não poderia receber ensino, por isso que subsistiam as razões que tinham levado á suspensão do regulamento.

Cartas d'Algueres

18 DE NOVEMBRO.

Hoje a interrupção é mais completa, porque nem sequer falaremos d'assumptos de instrução, aos quaes, todavia, voltaremos na proxima semana, se questões de occasião se não metterem, como agora, de permeio. E então continuaremos o fio da conversa, que vem sendo interrompida ha quinze dias.

Esta semana dêram-se dois factos importantes, que não podem passar sem referencia. Um ligase com os acontecimentos d'Africa. Outro com a viagem real a Inglaterra.

Pelas noticias chegadas d'Angola começa-se a perceber, emfim, o grande desastre do Cune. E foi o que se esperava: uma serie de imprevidencias e d'eros enormes. As imprevidencias e os erros do costume.

Em 16 d'outubro escrevia eu n'esse periodico :

«Quem escreve estas linhas ouviu dizer muitas vezes, a muitos dos officiaes que tomaram parte nas expedições africanas, que se não fosse a *muita sorte* que nos acompanhou, quasi todas essas expedições, com as quaes se commetteram erros deploraveis, teriam terminado por grandes desastres. Muitas vezes—attenda-se bem a isto—nós ouvimos fazer essa affirmção aos proprios officiaes que foram á Africa, affirmção, por todos os titulos, insuspeita. E nunca encontramos, entre elles, duas opiniões differentes. Ora se a fortuna, a felicidade, a sorte, foi a primeira condição de successo d'aquellas expedições que apontamos como gloriosas, sendo a sorte instavel, e mais susceptivel de mudar do que o vento, era de esperar que as victorias se transformassem, de repente, em grandes derrotas.»

Como se vê, as nossas supposições não eram infundadas. Temiamos grandes erros, os erros habituaes, os erros eternos, e não nos enganamos.

Todos hão de procurar, agora, sacudir a agua do capote. E' provavel, pois, que se lancem á conta do commandante da expedição, que conhecemos pessoalmente muito bem, erros que não são da sua responsabilidade. E' possivel, mesmo, que não fosse elle que os tivesse commettido maiores. Em todo o caso, erros houve. Isso resalta á vista. Nem podia deixar de os haver. Seria caso virgem em coisas portuguezas. E erros de palmatoria. Ainda como em todas as coisas portuguezas, e, sobretudo, em coisas militares.

Faltaram as munições, as lanternetas não eram do calibre das peças, fuzilam-se uns aos outros, vem a desordem, ninguem sabe o que ha de fazer... precisamente o quadro da vida militar do paiz. Na guerra, como na paz. A mais espantosa imprevidencia! Uma enorme atrapalhação á difficuldade mais insignificante! Todos a gritarem e ninguem a proceder com acerto!

Ha muitos annos que eu digo: o peor mal, na guerra, não nos ha de vir dos inimigos. Ha de nos vir de nós proprios.

Francamente: eu teria muito mais medo, amanhã, n'uma campanha, das nossas imprevidencias de *meninos*, porque a insensatez de que padecemos é uma verdadeira insensatez infantil, do nosso espirito de desordem, da

anarchia furiosa que nos domina, e da nossa estupenda ignorancia, do que do valor absoluto do adversario. Oh! d'isso é que eu tenho medo. Tanto, que só pensar que me verei um dia n'essa situação me faz pôr os cabellos em pé.

Eu bem os conheço. Infelizmente! Conheço-os muito bem.

Mas não é agora o melhor momento para censurar os vencidos, embora sejam elles os primeiros—porque as cartas publicadas nos periodicos não podem ser senão de officiaes que fazem parte da expedição—a censurarem-se uns aos outros. Mas, por isto mesmo. Não ha duvida nenhuma que se commetteram erros gravissimos. Mas quem os commetteu? Quaes foram as circumstancias que os occasionaram? Eis o que eu não posso saber. E n'este caso a reserva impõe-se.

Uma das causas de fraqueza das nossas expedições são as *manias de heroicidade*. Entre muitos officiaes modestos, que vão alli cumprir o dever, anciando por voltar á patria e á familia, comprido elle, vão outros que só tem em mira glorias faceis ou difficéis. Ora estas creaturas são perigosissimas. Se um ou outro é movido pelo puro amor da gloria e da patria, não faltam bastantes para os quaes patria e gloria são simples motivos de especulações, e arranjos deploraveis.

Portanto, é preciso cuidado com as apreciações e pôr de quarentena muito do que se diz.

E' preciso, tambem,—já o dissemos, n'esse artigo de 16 de outubro,—vêr, com consciencia, qual é o mobil de tantas expedições. A maior parte d'ellas, diz-se, são provocadas por manejos ignobéis. Ora isto é muito sério, é muito, muitissimo grave. Já para ali chamamos a attenção da imprensa honesta.

Uma expedição custa ao paiz enormes sacrificios de dinheiro e vidas. Não é brincadeira nenhuma. Valem a maior parte d'ellas esses sacrificios? Não se poderiam, muitas vezes, evitar?

E' outra insensatez, essa de correr atraz do *brío nacional* a proposito de tudo. Onde começa esse dever? Onde termina? Porque um tratante rouba os pretos, porque quer enriquecer e ser heroe á sombra do tal *brío nacional*, porque revolta as tribus africanas, roubando-as, ou praticando sobre ellas as mais revoltantes iniquidades, havemos de sacrificar vidas, e fazenda, só para fazer o jogo do vil especulador? E' n'isso que consiste o tal *brío nacional*?

Vá lá que se tenha de soffrer as consequências da especulação. Mas castigando, de tal fórma, o especulador, que não fiquem a outros desejos de repetir a torpeza. Ora isto é que não tem succedido.

E' claro que não nos referimos agora á expedição d'Angola, cujas causas desconhecemos em absoluto. Falamos em geral. Ainda que seria bom aclarar, na propria expedição d'Angola, a causa que motivou a revolta dos taes senhores cuamatás, ou cuanhamas, ou cuanhamas ao mesmo tempo. Ao certo não sabemos qual seja. E parece-nos que quasi toda a gente sabe tanto como nós. Pois irmos

mandar para a Africa uma expedição de cinco mil homens, sem sabermos porque, irmos arriscar a vida de tantos homens, irmos dispender uma quantia que não temos sem conhecermos ao menos a verdadeira razão de tamanho sacrificio, é, na verdade, uma *ratice*, que só um paiz como este poderia supportar.

Tudo está calado e resignado. Esta terra é um verdadeiro paraíso!

Ora eis um dos acontecimentos da semana. Acontecimento velho, mas avivado pelos promenores que ultimamente chegaram.

Outro acontecimento é a viagem de suas magestades á Inglaterra. Pergunta-se: o rei inglez veio, ou não veio, pagar ao rei portuguez a visita que este lhe fizera? Se veio, que foi agora o sr. D. Carlos fazer a Londres? Não percebo. Para cortezia ou mania de passeio, acho cortezia e mania de mais. Para outro fim, não descubro qual seja.

A proposito d'esta viagem regista-se uma diminuição notavel no velho *furor jacobino*, como diria o sr. Guerra Junqueiro, contra a Inglaterra. Ainda se disse alguma coisa, mas pouco. Não se foi além, e isso mesmo em tom moderado, do velho estribilho de que a Inglaterra *nos tem expoliado*.

Nós respeitamos a opinião alheia, sem deixarmos, por isso, de a criticar. Ora o argumento da expolição feita pela Inglaterra vem a proposito de demonstrar que a alliança d'esse paiz não nos serve. Muito bem. Seja. Mas, assentando n'isso, os republicanos, que assim pensam, farão o favor de nos dizer:

- 1.º Qual a alliança que nos dão em troca da alliança ingleza?
- 2.º Essa alliança é de graça?

Bem veem os senhores que os povos não se governam com palavras. Se os senhores querem continuar a viver de palavras, o paiz tem o direito de lhes voltar as costas. Se não querem viver de palavras, ou de nephelibatices, o paiz tem o direito de lhes exigir explicações cathgoricas.

Vamos, a alliança ingleza é má. Não serve. Ficamos sem nenhuma, se a republica fôr proclamada amanhã? Ou qual é a que a republica prefere á alliança ingleza? O que nos traz essa nova alliança, e o que nos leva? Não é só dizer: façam a republica, que nós cá estamos. O paiz, antes de a fazer, quer saber o que faz.

A Inglaterra expoliou-nos! Esta pretensão de querer que todo o mundo respeite a nossa incapacidade, ou a nossa mandrice, é verdadeiramente singular. Lá porque nós fomos o primeiro a pôr o pé em Africa, ficasse a Africa para ali, sem ninguem lhe tocar. Nós não a cultivavamos. Não a exploravamos. Não a civilisavamos. Mas é nossa. Ninguem lhe tocará.

Eis o que os patriotas chamam *direito*. Eis o que elles denominam *justiça*.

Ora vamos á verdade, que nós temos um geito especial para a dizer. A Inglaterra expoliou-nos? Pois não nos expoliou metade d'aquillo que a nossa mandrice, a nossa incapacidade, a nossa immoralidade reclamavam. Olhem

que é uma grande verdade! Antes de fazer justiça aos outros é preciso começar por a fazer a nós proprios.

Expoliou-nos. Mas, em proporção, mais nos expoliou a França e mais nos expoliou a Alemanha. Expoliou-nos. Mas, expoliando-nos sempre, expolição fatal, porque nós não tinhamos meio nenhum de reter na nossa posse tamanha porção do mundo, ter-nos-hia expoliado menos, no emtanto, se tivéssemos possuido politicos e estadistas de patriotismo e talento.

Invertam os papeis. Imaginem Portugal no caso da Inglaterra e a Inglaterra no caso de Portugal. Te-la-hiamos expoliado tanto, pelo menos, como ella nos expoliou. Não é verdade? Então accusemo-nos a nós proprios, antes de accusarmos os outros.

Agora só ha um recurso. Ter juizo, ter habilidade, para que a Inglaterra não expolie mais.

Com juizo e habilidade é bem possivel que isso se comsiga.

A. B.

A nossa cartelra

Partiu do Porto para Santarem o sr. Delfim Pereira da Costa.

— Parte brevemente para Lisboa com sua esposa, a sr.ª Baroneza da Recosta, o sr. Mario Duarte.

— Fez annos na quinta-feira o sr. Justino de Sampaio Alegre, digno administrador em Anadia.

— Regressou na segunda-feira de Lisboa, onde se encontrava ha dias, o sr. Henrique de Barros, considerado negociante da Figueira da Foz.

— De Seganhos regressou com sua familia a Vizeu, o sr. Joaquim Ferreira Ruas, digno tenente d'infanteria n.º 14.

— Estiveram quarta-feira n'esta cidade, os srs. drs. Manuel Homem de Mello, Mendes Correia e Alexandre Correia Telles d'Albuquerque.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas. Esperamos dever a todos o favor de pagarem logo que lhes seja apresentado o recibo, a fim de nos serem poupadas despezas e trabalho com nova apresentação de recibo.

Aos nossos assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança pedimos o favor de nos mandarem a importancia em vales do correio.

Esperamos de todos a fineza de accederem ao nosso pedido.

A quem compete

Revolta e indigna a maneira como os carreiros que conduzem o sal para a estação do caminho de ferro obrigam os pobres animaes que puxam aos carros a correrias doidas como se fossem carros puxados a muelles. Não sabemos mesmo como não tem acontecido algum desastre com semelhantes brutalidades dos carreiros.

E' de mais. E tudo para verem, á disputa, quem ha de fazer mais carretos. E com isso tambem soffrem os negociantes e os habitantes do Americano, pois que se aos primeiros lhe expediçam a mercadoria, aos segundos damnificam-lhes os predios, vertendo-lhes á porta o sal que deviam levar para a estação.

A quem compete pedimos energicas e immediatas providencias.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Comprea

A OSMOND

Como havia de ser obrigatoria a matricula para os que possuíssem *algumas noções de leitura*, se, n'este caso, nenhum d'elles tinha probabilidades de adquirir os conhecimentos necessarios, durante o periodo de instrução de recruta, para ascender ao posto de 1.º cabo, e se o professor, perdendo tempo com elles, não se podia applicar aos mais adeantados?

E' claro que os mais atrazados, e os que não soubessem nada, eram postos fóra da escola, e que só se abria a porta, de par em par então, aos que dessem pouco trabalho, ou aos que não dessem trabalho nenhum, cuja matricula, diga-se, seria facilissimo justificar. São rarissimos os que apparecem com conhecimento completo do programma do 1.º curso, embora não faltem os que sabem lêr, escrever e contar. Mas basta que não saibam systema matrico, ou que não digam o que é um angulo agudo, recto ou obtuso, para que a matricula se imponha.

Attenda-se a que eu não estou censurando a circular. Não. Até concordo com as razões em que ella se funda. Mas o que é certo é que as escolas regimentaes estão *liquidadas*. De tal fórma, que nem matriculando-se só os que sabem ellas dão nada, porque a falta de cabos continua em todo o exercito.

Greio que esta *minha campanha* as tem estimulado um poucochinho. Não é a Senhora de Lourdes que faz o milagre. Sou eu. E vá lá mais esta, que nunca esperêi chegar a santo milagreiro. E' mais uma que tenho para contar, e das mais celebres. Sou eu, que já fiz surgir cabos ás duzias onde, na linguagem pittoresca do redactor do *Diario*, não havia *um para semente*. Mas como os milagres n'esta terra duram pouco, não acho desproposito chamar a attenção para o estado de completo abandono em que caiu o ensino regimental. Por força das circumstancias? Concorde. Mas para tudo ha remedio.

Exercito de analfabetos, exercito sem instrução, exercito sem educação, é um exercito perdido. Não nos esqueçamos d'isto.

E com a maior consideração me deo claro, como sempre,

De v. etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

Coimbra, —13—11—1904.

A IMMACULADA

Informam-nos á ultima hora que os srs. da catholica pretendem levar a effeito, no dia 8 de Dezembro, a procissão que estavam para realizar em Agosto e depois em Setembro.

Será verdade? Não será verdade?

E' o que resta saber. Emquanto a nós escusado será dizer que estamos no nosso posto.

Falaremos.

José Maria Soares  
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto  
CLINICA GERAL  
Consultas todos os dias das 10 h. em diante  
Chamadas a qualquer hora  
R. dos Mercadores — AVEIRO

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 2 ás 4 da tarde, no jardim publico, é o seguinte:

Marcha. «Izabella», ouverture (Suppé). «Scenes et Paysages» (Bury). «Cavallaria Rusticana», selection da opera (Mascagni). «Le cid», selection da opera (Massenet). «Marcha de infantaria (Maia).

Arbitradores judiciaes

Os arbitradores judiciaes d'esta cidade vão representar ao sr. ministro da justiça pedindo-lhe a sua reintegração no logar para que foram nomeados por s. ex.º no ultimo ministerio progressista.

E' bem entendido porque o serviço de louvados deve ser sempre feito por gente habilitada e não por analfabetos sem noção do que faz nem do que diz.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

**11 de novembro.**—Morre no exilio D. Miguel de Bragança, 1866. D. Miguel era o terceiro filho de D. Carlota Joaquina. Não se pôde dizer que fosse filho de D. João VI, porque quem tem a infelicidade de possuir mãe de tal ordem nunca pôde dizer, nem o podem dizer os outros, quem fosse seu pae.

A primeira infelicidade de D. Miguel veio precisamente d'ahi. Com um supposto pae sem energia, sem dignidade, sem caracter, com uma mãe prostituta, mulher d'alma e costumes perversos, D. Miguel não podia deixar de receber uma educação deploravel. E assim nasceu, cresceu e viveu, no desrespeito absoluto de todos os principios de justiça e de todos os sentimentos de bondade, ignorante, brutal, entregue a todas as tendencias ruins d'uma mocidade impetuosa.

Por um lado instrumento dos odios de D. Carlota Joaquina e do partido d'esta mulher infame, por outro lado desprezando os negocios publicos, para se entregar a uma vida continua de divertimentos, cavalleiro, caçador, toureiro, muito mais do que politico, o seu governo havia de ser necessariamente o reflexo do meio estúpido e perverso em que vivia. Assim foi.

Tinha 20 annos quando conspirou, com sua mãe, contra as instituições liberaes creadas pela revolução de 1820. Foi elle que se poz á frente da contra-revolução de 1823, conhecida pelo nome de *Villafrancada*. Triunphando este movimento, e nomeado commandante em chefe do exercito, iniciou, com Carlota Joaquina, uma perseguição atroz aos liberaes, não hesitando em lançar mão, para conseguir os seus fins, dos mais torpes expedientes. Foi elle o mandante dos miseraveis que assassinaram em Salterra o infeliz marquez de Loulé. Sobre isso não restam duvidas nenhuma, por mais que a *tendencia servil* dos nossos historiadores ainda ali queira ver duvidas. Foi elle o instrumento consciente de sua mãe nas tentativas de toda a ordem contra seu pae, contra o qual fez o movimento conhecido na historia pela *Abriada*. Malgrado este movimento pela intervenção do corpo diplomatico, e desterrado D. Miguel para o estrangeiro, aqui continuou a manifestar os seus maus instinctos. Lamberde conta (*L'Expedition de D. Pedro*) que elle gostava de matar cães e de *martirizar carneiros e gallinhas*. Em Paris divertiu-se a matar o gato da dona do hotel, que era um bicho de estimação. E comeu-o, bem cozinhado! A personificação d'esta famosa bestialidade portugueza, que ainda hoje dura.

Querendo sahir de Paris para Viena, e parecendo-lhe que o não deixavam ir, queixou-se a Luiz XVIII de que o conservavam preso. Este respondeu-lhe: «Engana-se. Não ha prazer nenhum em conservar aqui pessoas de tal caracter.» Portou-se melhor em Viena d'Austria? Gervinus diz: «Durante toda a vida não foi capaz de se enfiar para corridas de touros e caça, para jogos comicos e de prendas, para mandricos e devassidão. Em Viena deu livre curso á sua rude natureza; teve questões com a gente com quem vivia, e que precisava não o perder de vista para que elle não fizesse as maiores loucuras. Ninguém se engasou sobre o que era esta joia lisboeta; só os sabios estadistas é que parecem ter sido enganados pela propria mascara da beatice, pelo arrojo da sua perfeita hypocrisia.»

Todos os escriptores estrangeiros, e os portuguezes que então residiam no estrangeiro, são unanimes em registar o mau procedimento que D. Miguel teve, por essa epocha, em Paris e em Viena. Oliveira Martins tenta alliviar-lo. Mas Oliveira Martins era um *stylista*. Não era um historiadador. Descrevia as coisas de fórma a fazer realçar a sua *maneira de escriptor*. D'essa pequenez soffrem todos os nossos grandes homens, que são de uma deploravel pobreza de idéas.

Regressando a Portugal depois da morte de D. João VI, apressou-se a traíçoar as promessas feitas a seu irmão, aos governos de Inglaterra e Austria, e o seu proprio juramento. Tendo jurado a carta constitucional de 26 de fevereiro de 1828, logo no

dia 1 de março consentia que a turba ignara de Lisboa o aclamasse rei absoluto e maltratasse os homens prominentes do partido liberal, e no dia 13 dissolvia as côrtes sem ordenar novas eleições. Depois vieram as *caçadas*, as *alçadas*, a força, os assassinatos nas prisões, como em Villa Franca, onde foram assassinados 70 presos, e as mais horrendas tyrannias. Em 3 annos foram presas perto de 30:000 pessoas, degradadas 2:000 e executadas 39. Andavam homiziadas 5000, tinham emigrado 13:700 e foram confiscados os bens a cerca de 80:000 familias.

Deve-se attender a que alguns dos ministros de D. Miguel eram contrarios a tamanhos horrores. D. Miguel, porém, deixou sempre os conselhos d'esses para seguir os conselhos do grupo sanguinario do partido, presidido pelo conde de Basto.

Era boa pessoa? Só Oliveira Martins, que seguiu sempre mais a sua phantasia do que a verdade historica, o poderia affirmar.

E' certo que D. Miguel procedeu bem no exilio. Isso, porém, não conseguiu redimi-lo. No exilio são todos santas creaturas!

**15 de novembro.**—Rossi, ministro de Pio IX, é assassinado em Roma, 1848.

O doutor Pellegrino Rossi era um aventureiro politico. Tendo-se associado em 1815 ás tentativas de Murat a favor da liberdade e da unidade italiana, vendo-se por esse motivo obrigado a emigrar, refugiando-se em Genebra, tendo ainda sido accete n'esta cidade, como chefe, pelos liberaes, e n'essa qualidade eleito por elles deputado ás Constituintes de Lucerna, acabou por ser ministro de Pio IX, tornando-se inimigo dos principios que lhe tinham dado renome.

Durava a campanha entre Carlos Alberto e a Austria. Embora a sorte tivesse favorecido geralmente os austriacos, os estados pontificios, acompanhando a effervescencia popular de toda a Italia, estavam dispostos a resistir. Os ministros do papa Mucicani e Campello propozeram ao parlamento romano medidas de guerra, que foram immediatamente approvadas. Pio IX, porém, oppoz o seu veto a essa resolução. Ao mesmo tempo demittia o ministerio, nomeando novos ministros, que eram Pellegrino Rossi, o general Zucchi, o duque de Biguino e o professor Montanari.

O papa, portanto, o *Vigario de Christo na terra*, o *Santo Padre*, pronunciava-se a favor dos austriacos contra a sua propria patria e contra a liberdade. E Rossi, o antigo democrata e patriota, era o seu executante!

A indignação popular não teve limites. O povo julgou-se trahido, e com razão.

O parlamento tinha sido convocado para 15 de novembro. N'esse dia, a multidão accumulou-se á porta do palacio legislativo. Rossi, apparecendo, atravessou as alas populares n'uma attitude de insolencia que, com a sua apostasia, se lhe tinha tornado habitual. A um dicto qualquer, salido do ajuntamento, respondeu com um gesto de desprezo. Então um popular lançou-se sobre elle cravando-lhe um punhal na garganta.

Foi o signal de revolta. O povo, agitadoissimo, correu ao palacio do papa, intimando Pio IX a escolher novos ministros. O *Santo Padre* mandou-lhe responder com uma descarga. O povo recua, mas volta armado logo em seguida. Assesta um canhão contra o Quirinal e já não faz pedidos, mas intimações. Pio IX tenta resistir. Mas reconhecendo que o exercito pontificio está d'alma e coração com o povo, trata de se evadir por uma porta secreta, seguido da sua *dedicada amiga*, a condessa Spaur.

Entretanto o rei do Piemonte, que não tinha folego para tamanha empreza, é vencido em Novara, e o *Santo Padre* é restituído ao seu throno pelos inimigos da liberdade e da patria.

Quando se convencerá a humanidade de que a primeira obra a fazer é acabar com *papas e papões*, d'uma vez para sempre?

Rolland suicida-se em Rouen, 1793, ao saber que sua esposa havia sido guilhotinada.

**16 de novembro.**—Acção de Val-Passos, entre as forças de Sá da Bandeira e as de Casal, 1846, ficando vencedoras as tropas da rainha.

**17 de novembro.**—Os sitios constitucionaes realisam n'este dia, 1832, a terceira sortida, sendo repellidos, como nas duas anteriores, e perdendo n'ella 174 homens. Distinguiram-se n'essa sortida o coronel Schwalbach, o capitão Joaquim Antonio Vellez Barreiros, o tenente coronel Zeferino de Sequeira, o tenente coronel Francisco Xavier da Silva Pereira, o major Antonio de Passos d'Almeida Pimentel, o major José Athanasio de Miranda e o tenente Bento José de Almeida Moura Coutinho.

**18 de novembro.**—Ministerio Sá Nogueira, 1832.

**19 de novembro.**—Morre em Lisboa Fernandes Thomaz, 1822. Manuel Fernandes Thomaz, considerado o fundador e patriarcha da liberdade portugueza, nasceu na Figueira da Foz em 30 de junho de 1771. Tendo seguido a carreira da magistratura, e estando em Coimbra, foi nomeado, a pedido de Wellesley, intendente dos viveres no quartel general de Beresford, cargo em que prestou relevantissimos serviços.

Peusador e philosopho de grande valor, comprehendeu que Portugal não podia ficar extranho á corrente de idéas desencadeadas pela Revolução, e n'este sentido conspirou. Em sua casa, em Coimbra, se constituia uma especie de club, frequentado pelos liberaes d'aquella epocha. Transferindo residencia para o Porto, onde foi continuar a sua carreira como desembargador da Relação, ali reconstituiu o club que pela sua ausencia deixara d'existir em Coimbra, vendo-o logo frequentado por homens dos de mais valia na segunda cidade do reino. A conspiração, porém, só tomou vulto depois da execução de Gomes Freire e dos seus companheiros, execução que provocou as maiores indignações no elemento pensante do paiz.

Tendo tomado conhecimento no Porto com outro juriconsulto de valia, José Ferreira Borges, estabeleceram os dois as bases d'um pacto que foi a verdadeira origem da revolução de 1820. A esse pacto adheriram José da Silva Carvalho, João Ferreira Vieira, o general Sepulveda, Mello e Castro e outros. O movimento hespanhol de 1820, iniciado por Riego, animou os patriotas portuguezes, e finalmente a 24 d'agosto a guarnição do Porto soltou o grito revolucionario.

Eleitas as côrtes, Fernandes Thomaz manteve n'ellas o logar proeminente que já tinha adquirido nos preliminares e na execução da revolução.

A carta constitucional então votada, e que era obra de Fernandes Thomaz, tinha um caracter profundamente democratico.

Um mez depois de votada e assignada a constituição de 1822, Fernandes Thomaz começou a sentir-se gravemente enfermo, vindo a succumbir com 51 annos d'idade.

Para que se veja como o elemento reaccionario considerava essa legitima gloria de Portugal, ali vão os trechos d'uma oração fúnebre pronunciada por um *masmarro*, em certas exequias realisadas em honra de Fernandes Thomaz. Veem na *Historia da Universidade de Coimbra*, do sr. Theophilo Braga.

«Manuel Fernandes Thomaz, pois, era este animal monstruoso, era a besta feroz de sete cabeças e dez cornos com pés d'urso e cara de Leão do Apocalypse politico de Portugal, que o mar arrojou ás praias da Figueira para um dia invadir a Egreja e o Throno, espesinhando os sagrados fóros da monarchia portugueza... Pasou uma grande parte da sua mocidade ajudando o pae no trafego de barqueiro, em que fez não poucas traficancias. Por um d'estes phenomenos cujas causas nem sempre são conhecidas cobriu as calças de estopa com uma batina e foi frequentar a Universidade de Coimbra no tempo em que até os burros se arreavam com as insignias doutorais, e logo que apanhou as cartas de formatura em uma das faculdades juridicas recebeu em seu damnado coração um Vesuvio inextinguivel de ambição... compoz um Re-

portorio de Leis, que é um novo Borda d'agua juridico, e cuja lista de subscriptores parece pela maior parte uma certidão do rol dos confessados no *G. Oriente Lusitano...* E no epilogo do sermão apresenta e ameaça: «A justiça dos rectos Soberanos congregados em Verona, que vae libertar os leaes portuguezes, nossos irmãos, não deixará impunes os scelerados Meditadores, que a troco da denominada *Regeneração politica* lançaram Portugal insidiosamente no mais duro captivo; e n'este sentido devemos causar mágua a tranquilla morte do impio Patriarcha, denodado athleta da immoralidade, porque devia expiar seus crimes atrocissimos padecendo morte affrontosa, com infamia, em publico cadafalso. Mas, como esse monstro levou consigo á sepultura, que não merecia, todas as esperanças dos *doze patifes*, que ainda vivem! e a sua morte fez aguar o fervor de toda a cabilda cabouqueira, que solictos olhavam com expectação para o defunto Archipatife, ella por si mesmo nos deve fazer sentir uma gloria incomparavel.»

E digam lá que é obra de intolerancia deitar o fogo a esta raçzinha de vitoras.

**20 de novembro.**—Junot passa a fronteira portugueza e invade Portugal, 1807.

**Desastre.—Morte**

N'um dos dias d'esta semana deu-se em Fermentellos um desastre de que resultou a morte a um dos filhos do sr. Alipio Maria Ribeiro, creancinha de tres annos de idade, ficando uma sua irmã, ainda mais nova, com uma perna fracturada.

Diz-se que o pae deixára as creanças no carro em que se tinham alli transportado, emquanto entrou n'uma casa que desejava arrendar. O cavallo, porém, ou por que tivesse medo ou porque as creanças bulissem nas redeas, largou á desfilada, tombando, resultando d'ahi o desastre a que nos referimos.

**Mercado de Aveiro**

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	700
» encarnado.....	840
» manteiga.....	560
» amarelo.....	630
» misturado.....	540
» caraça.....	800
» frade.....	750
Milho branco.....	780
» amarelo.....	760
Trigo gallego.....	15150
» tremez.....	900
Cevada.....	600
Centeio.....	700
Batatas, 15 kilos.....	280
Ovos, duzia 180, milheiro...	15700

**Arvoreadas**

No campo no Rocio encontravam-se hontem algumas arvores derrubadas e outras partidas. E' de presumir que sejam brincadeiras de mau gosto d'algum ou d'alguns mal intencionados, que saciam assim os seus odios, prejudicando aquillo que apenas beneficia a hygiene publica e aformoseia o local.

A policia compete vigiar de perto esses malfetores e castigar os com as penalidades da lei. Mas a rigor.

**Novo estabelecimento**

A firma commercial Costa & Moreira, de Guimarães, de que é socio o nosso patricio e amigo, sr. Antonio Candido Moreira, acaba de montar um deposito de seu fabrico na rua formosa n.º 330, Porto, onde se encontra a par d'uns preços convidativos um grande sortido de toalhas, guardanapos, linhos, riscados, etc.

Recomendamo-lo ás pessoas de Aveiro que vão áquella cidade.

A HYGIENE PUBLICA

REVELAÇÕES GRAVES

Sr. redactor

Causou penosa e profunda impressão o facto que, na nossa carta anterior, denunciámos, ignorando até agora quaes as contas pedidas, pela auctoridade superior do districto ou pela inspectoria geral, áquelles a quem cabe a inteira responsabilidade da morte da pobre creança, que pagou com a vida a incuria e o desleixo do sr. delegado de saude no cumprimento dos seus deveres.

As coisas assim, porém, é que não podem ficar e torna-se indispensavel que se proceda, para desaggravo da victima immolada á imprevidencia e abandono de funções d'aquelles que tem obrigações restrictas a cumprir.

Não pôde allegar em sua defeza, o sr. delegado de saude, a sua ausencia, com licença ou sem ella. Isso não é argumento, pois que não durando ella mais d'um mez, antes da sua partida devia lembrar-se do disposto no n.º 6 do art.º 74 do regulamento de sanidade, que para aqui trasladamos, muito de proposito, para edificação da geração presente e cuja doutrina reza assim: «6.º—Ter sob a sua guarda o serviço de desinfecção publica, a qual será de applicação obrigatoria nos casos de typho exanthematico, febre typhoide, bexigas, escarlatina, diptheria, meningite cerebro-spinal epidemica, tuberculose (por mudança de domicilio ou obito) assim como nos casos suspeitos de peste, cholera, febre amarella e nos de qualquer outra molestia transmissivel, quando as circumstancias imponham essa necessidade.»

E' clarissimo tudo o que aqui reprodizimos, mas não se estranha que se não faça uma desinfecção quando se deixa morrer creanças por falta de sôro para debellar o mal!

E' inaudito, mas é verdadeiro!

E tanto mais nos espanta o triste facto quando é certo haver no regulamento um numero especial para o caso em questão.

E' o n.º 12.º do art.º 74 que diz:—«Cuidar do fornecimento do sôro anti-diptherico, de que cada concelho, nos termos regulamentares respectivos, deve estar munido, dando conta ao real instituto bacteriologico dos resultados colhidos da sua applicação.»

Aqui tem o sr. delegado de saude enseo, na letra d'este artigo, para mais uma vez provar á inspectoria geral como, no seu concelho, se cumpre esta disposição da lei, com tão aproveitaveis resultados, vigilando a defeza sanitaria do seu concelho, executando a lei, assegurando-se do cumprimento d'ella e das funções dos seus subordinados, e ficando com aquella tranquillidade de consciencia, que sobrem o rigoroso cumprimento dos nossos deveres e dispensa de beneficios á humanidade!

E n'este ultimo caso, o sr. delegado de saude é d'uma philantropia sem limites, d'uma abnegação sem igual!

E esta apreciação e justiça que fazemos ao sr. delegado de saude, não é exclusivamente nossa. A cidade inteira pensa conosco e conosco julga!

As aguas inquinadas que a população bebe, e que o *Campeão* apontou, assim como a venda d'enchidos em mau estado, produzindo graves encommodos a quem os ingere, venda que se effectua no mercado d'esta cidade, como o referido jornal apontou, continua a fazer-se e o sr. delegado de saude continua tambem gozando as delicias das praias, sem nenhum que o substitua, sem sôro, no concelho, sem prevenção nenhuma contra tantos males que nos invadem, sem coisa nenhuma enfim a não ser com o tempo que decorre e que faz jus ao pagamento das suas mensalidades, como delegado de saude... a fingir.

Até ao proximo numero é provavel que possamos saber alguma coisa sobre o triste acontecimento, a que nos referimos, e respectivas providencias, e a ellas nos referiremos, se houver espaço com que v., sr. redactor, se digne honrar-nos.

UM SEU LEITOR.

ANNUNCIOS

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguém os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costeira

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

# METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

*Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200  
**Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,5000  
**Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,5000  
*Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200  
**Guia prático e theorico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

**Arte de Escripta**—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

**Livros de polémica sobre o Methodo**

**A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500  
**A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

**Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700  
**Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga. 800

DEPOSITO GERAL

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA**

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripta.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

**PÃO NOSSO**

OU

**Leituras Elementares ou Encyclopedicas**

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até! — não possuir.

Preço, brochado 500 réis, cartonado 600 réis.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.º—LISBOA.  
E em todas as livrarias.

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**PADARIA FERREIRA & MACEDO**  
AOS ARCOS  
AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 15000 a 35000 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; vellas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Nario, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.



**DENTISTA MECANICO**

Colloca dentas e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do mato-douro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote), couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista,  
3 Lisboa

# EMPREZA CERAMICA

DA

**FONTE NOVA**

DE

**Mello Guimarães & Irmãos**  
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

E FERRAGENS

—DE—

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, pazão, aço, rasteiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réguas para vedações, alvuiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO